

ERAM OS DEUSES ASTRONAUTAS?

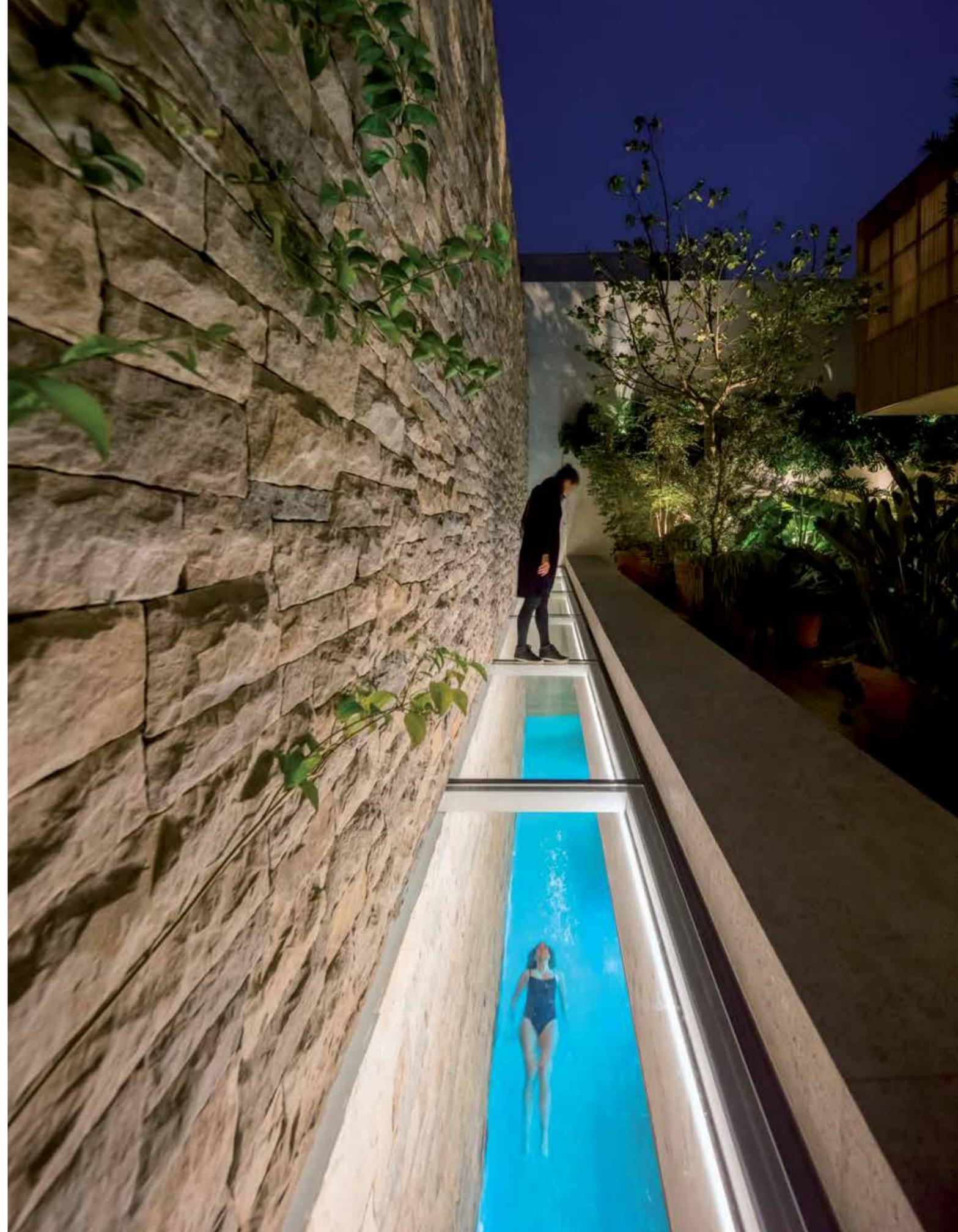
Em Lima, no Peru, o studio mk27 assina layout que explora a verticalidade da estrutura do terreno ao sobrepor três blocos em andares assimétricos a fim de valorizar a espacialidade e a luz natural. O acento atemporal de sempre, com uma emoção que nunca passa pelo lugar comum, seja qual for a situação geográfica

TEXTO: ANA PAULA DE ASSIS | FOTOGRAFIAS: FERNANDO GUERRA (FG + SG)





ÁGUA VIVA
Uma das soluções mais interessantes da morada está na área da piscina: iluminada por uma grande abertura zenital de vidro localizada no jardim do térreo. Na página dupla posterior, destaque para a parede de cobogós desenhada pelo escultor austriaco-estadunidense Erwin Hauer





Para cravar pela primeira vez as pranchetas em Lima, costa árida do Pacífico, Peru, país andino de preciso acento arquitetônico, legado pelas civilizações pré-colombianas, o starchitect Marcio Kogan e sua trupe (arquitetura Samanta Cafardo e Elisa Friedman + design de interiores viabilizado por Diana Radomysler e Mariana Ruzante) não mediram esforços para mais uma vez apresentar um conjunto de soluções totalmente “fora da casinha”. Dadas as condições específicas da disposição do terreno de 500 m² com de 16m de largura por 30m de profundidade – o escritório optou pela sobreposição dos três volumes para que os proprietários tivessem a sensação aprazível de habitarem uma townhouse, longe do formato de um edifício comum – mas não apenas isso. O raciocínio arquitetônico chama a atenção no layout verticalizado de 1.000 m². Os blocos em desalinho, tal qual grandes legos empilhados – de bases robustas para conter os sismos, que vez ou outra, abalam a região – ganharam contornos lúdicos com os terraços e balanços, além da solução proposta para potencializar a invasão da luz natural na morada. Não custa lembrar que a capital peruana é reconhecida por ser uma cidade nebulosa, de nuances escuras e céu sempre opaco. A distribuição no térreo desencadeia nas alas sociais, que incluem um terraço e a cozinha. O dormitório principal, com living próprio e closet estão alocados no segundo andar. Já no terceiro pavimento, dedicado aos filhos, há duas suítes, sala, quarto, banheiro de hóspedes e uma varanda com parede composta por elementos vazados do designer austríaco-estadunidense Erwin Hauer. O cobogó – revestimento conhecido dos brasileiros – garante proteção e per-

meabilidade visual ao mesmo tempo que facilita a entrada de luz e ventilação nos espaços. Há também um rooftop e um “semi-subsolo” com garagem, área de serviço, sala de ginástica e piscina. Ela pode ser contemplada (com uma taça de pisco sour, espécie de caipirinha local, em mãos) por meio de uma faixa enviaçada no jardim cravado ao lado do estar principal. As caixas de concreto aparente ripado ganharam fachadas frontais e posteriores com revestimentos diferentes como se fossem “tampas” que remetem à uma camada de pele para camuflar as aberturas. O recurso da divisão espacial também foi aplicado nos interiores que foram compartimentados em nichos, com painéis e portas de madeira que exercem a função de elementos separadores. Os profissionais elegeram uma paleta concisa de matérias-primas – madeira cumaru brasuca, pedra (basalto) e mármore travertino locais – para estruturar a construção. Não era de se espantar que a cadência modernista também fizesse um check-in no interior, todo azeitado por uma elegante seleção de peças clássicas do design, caso da poltrona Bowl de Lina Bo Bardi, da mesa Pétala de Jorge Zalszupin ou do abajur Atollo de Vico Magistretti, entre outros expoentes do desenho tupiniquim, italiano e escandinavo. O arranjo, no todo, atesta que esta aterrisagem em solo peruano foi como costuma ser para o studio mk27: catártica, independentemente da geografia. Inevitável, diante da atemporalidade do gesto projetual, evocar um best-seller que teoriza sobre as antigas civilizações terrestres serem obras dos alienígenas (inclusive as incas que estão na gênese do Peru): Eram os Deuses Astronautas?

@studiomk27



